

**1º ENCONTRO CEARENSE DE PROFESSORES DE FILOSOFIA
ENSINO – FILOSOFIA – RESISTÊNCIA
29 A 31 DE AGOSTO – 2019**

ANTONIO CID FREITAS BARROS

FAZENDO CÓCEGAS NA ALMA: EXPERIÊNCIAS DE FILOSOFIA CLÍNICA

FORTALEZA – CE

2019

FAZENDO CÓCEGAS NA ALMA: EXPERIÊNCIAS DE FILOSOFIA CLÍNICA

Autor: Antonio Cid Freitas Barros¹

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um estudo sobre as influências qualitativas da Filosofia Clínica na vida de alunos do Ensino Médio da Escola Estadual de Educação Profissional Capelão Frei Orlando, por meio do acompanhamento individual no Projeto Diretor de Turma no 2º ano de Enfermagem e, da vivência no grupo de estudo em Filosofia Clínica *Cócegas na Alma*, no qual estuda os teóricos deste campo e fazem experiências terapêuticas coletivas no mesmo. Nosso objetivo geral é apresentar a Filosofia Clínica como um instrumento de práticas diligentes e profilática dentro do ambiente escolar. Sendo a escola um espaço de humanização que também perpassa pelo conhecimento de si, para o bom êxito desse processo, faz-se necessário considerarmos as infinitas possibilidades existenciais a partir da singularidade de cada pessoa. A pesquisa se deu através de estudo bibliográfico e de campo, com o uso de entrevistas como ferramenta de apuração de dados da vivência dos sujeitos submetidos às experiências com o método terapêutico da clínica filosófica, que tem como base as questões históricas e existenciais da contingência humana. Nossos resultados se traduzem sobretudo pela importante contribuição na relação entre Filosofia Clínica e Educação no processo de formação educacional do pensamento em que destacamos sua ação profilática pela diligência encontrada nessa práxis.

Palavras-chave: Filosofia Clínica. Diligência. Profilática.

¹ Graduado em Filosofia Universidade Estadual do Ceará – UECE, Especialista em Educação Inclusiva, Especialista no ensino de Sociologia, Professor de Filosofia e Especialista em Filosofia Clínica no Centro de Estudo e Formação em filosofia Clínica de Fortaleza – Ceará – CEFIC.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho é resultado de dois anos de pesquisas feitas no ambiente escolar da Escola de Educação Profissional Capelão Frei Orlando em Canindé-Ceará.

Nosso estudo foi despertado logo nos primeiros meses que iniciamos o curso de especialização em Filosofia Clínica no Centro de Estudos e Formação em Filosofia Clínica de Fortaleza – CEFIC. Vindo de uma graduação em Filosofia e agora lecionando a disciplina no ensino médio, sempre procurei ir além da característica epistemológica do conhecimento filosófico, mas sempre buscando dar um significado prático aos conteúdos a partir daquilo que anseia a existência humana.

Desse modo, estando em uma escola de educação integral percebi que muitas das angústias que os alunos apresentam na rotina escolar não poderiam ser apenas explicadas pelas situações vividas no espaço escolar, mas, sem dúvida, a singularidade dessa pessoa é formada por toda a sua trajetória de vida e que deveríamos conhecer um pouco de nossos partilhantes por suas historicidades para que assim pudéssemos realizar algumas ajudas em suas estruturas de pensamentos.

A primeira parte deste artigo ocupa-se em apresentar um pouco da historicidade da própria filosofia destacando a peculiaridade que a mesma foi adquirindo de um pensamento dedicado à *physis* a um conhecimento sobre a subjetividade do ser humano. Assim, destacamos o pensamento singular que a Filosofia Clínica representa como retorno ao cuidado pela vida existencial, ao cuidado e partilha da experiência e história da pessoa.

Em seguida, apresentamos a experiência do trabalho com a Filosofia Clínica no espaço escolar com o acompanhamento de uma turma e também o trabalho feito com um grupo de estudos em Filosofia Clínica dentro de espaço escolar. Assim, buscamos fazer uma análise entre a prática com os alunos e alguns autores que pensam a Filosofia Clínica com uma visão para o ambiente escolar e, sobretudo pelo cuidado formativo e educacional do pensamento, que além de representar as possibilidades de alguns reparos na vida dos partilhantes, também a própria possibilidade de uma educação profilática.

2 FILOSOFIA DO CUIDADO

O itinerário filosófico iniciado por Tales de Mileto na Grécia Antiga foi significativamente revolucionado pela introdução de um novo objeto a partir do pensamento Antropológico de Sócrates. Enquanto o pensamento filosófico dos Pré-socráticos se voltava para o estudo e conhecimento da Natureza, a filosofia socrática traz uma nova abordagem para a filosofia, trata-se do próprio homem como objeto do conhecimento, não como um objeto físico e biológico, mas como um ser espiritual, que deveria ter em seu primeiro interesse o conhecimento e cuidado de si. Como diz Reale (1990), historiador da filosofia: “É evidente que, se a essência do homem é a alma, cuidar de si mesmo significa cuidar da própria alma mais do que do corpo. E ensinar os homens a cuidarem da própria alma é a tarefa suprema do educador” (p. 88).

A partir dessa perspectiva antropológica da filosofia, o ser do homem sempre esteve como assunto nas discussões da mesma. Porém, em alguns momentos não foi tomado como questão principal por conta de outras prioridades dentro da teoria do conhecimento e também pela grande dificuldade de encontrar um método científico que satisfizesse à contingência humana.

Nesse aspecto, alguns pensamentos científicos equivocadamente se arriscaram na compreensão total do ser humano como objeto. Podemos citar o positivismo iniciado por Auguste Comte e a tentativa da matematização das ciências humanas.

Contudo, mesmo com a abordagem de um método matemático da corrente positivista, essa foi importante, pois a partir dos seus equívocos, outras perspectivas filosóficas puderam elaborar contribuições mais condizentes com o seu objeto estudado. Dentre essas, podemos citar a fenomenologia e o marxismo, por exemplo (CHAUI, 2000).

Desse modo, o ser humano passa a ser visto pela fenomenologia como um fenômeno que se manifesta a partir de sua consciência, do marxismo a filosofia acresceu ao olhar o ser em um contexto em que se encontra inserido, pois é a partir desse local cultural que se encontra o ser humano que afeta e é afetado no processo histórico.

Esses métodos filosóficos não são tão conhecidos como propostas psicoterapêuticas usadas pela filosofia. Porém, atualmente a filosofia tem feito esse resgate terapêutico a partir da chamada Filosofia Clínica.

2.1 Filosofia Clínica

Parece soar estranho o termo clínica vinculado à Filosofia, porém, o termo é tomado a partir do conceito grego *klinikos*, *kline*, que está ligado ao leito do enfermo e a clínica médica teria por finalidade principal estar junto do leito do paciente, observar e conhecer seu estado de saúde. Dessa forma, a Filosofia Clínica teria por resgate esse olhar para a pessoa que ela chama de partilhante:

Kline: a clínica que vai até a pessoa, que visita seu universo existencial, que acompanha, nesta visita, aquilo que é mostrado pela pessoa, respeitando os limites, as formas de vida, os modos de ser. Ao mesmo tempo, uma clínica filosófica que questiona: o que é isso? Como isto se dá? Por que é desta forma? Precisa ser dessa maneira? Há outras possibilidades? Quais as implicações da escolha por essa ou aquela forma? Quais as reais condições de satisfação das crenças que orientam as formas de ser e de lidar com as questões que se colocam? Qual a gênese de tais formas? E outros questionamentos que buscam ampliar o conhecimento sobre as questões apresentadas, sobre as formas de vida constituídas, tentando focar a árvore e suas características próprias, sem esquecer que ela se encontra numa floresta, cujos elementos provocam importantes determinantes sobre tais características. (AIUB, 2010, p. 25-26).

Aqui, a primeira questão de nossa justificativa é dizer que apesar do termo vindo da área médica, a prática da Filosofia Clínica não se classifica como uma vertente médica, mas trata-se da formação humana, ou seja, é uma construção de bases a partir da terapia filosófica que volta o olhar para a pessoa e seu equilíbrio na construção de si mesmo.

A Filosofia Clínica como proposta que conhecemos hoje é uma criação brasileira, ou seja, trata-se da ideia do médico Lúcio Packter, que na década de 1990, inquieto com as questões de sofrimentos que passavam seus pacientes, resolveu incluir nos acompanhamentos destes o conhecimento filosófico. Packter percebia que a maioria das angústias vividas por aqueles que o procurava se tratava de questões existenciais e assim não poderiam ser trabalhadas pela área médica farmacológica, mas que deveriam ser acompanhados a partir das aflições que atingiam a subjetividade da alma humana. (AIUB, 2010).

Desse modo, Packter desenvolve uma metodologia de assistência que tem como fundamento o cabedal filosófico, procurando não se apoiar em critérios médicos: normal X patológico, doente X saudável, nem muito menos no uso de medicamentos como indicativos da psicoterapia da Filosofia Clínica. Porém, o seu método se inclina sobre o próprio partilhante tendo como referencial a leitura de sua historicidade para procurar de início localizar a pessoa existencialmente a partir dos exames das categorias:

Assunto, Circunstância, Lugar, Tempo e Relação, e assim, investigar a Estrutura de Pensamento da pessoa. Com isso, o filósofo clínico usará o conhecimento da filosofia para refletir com seu partilhante a construção de uma vida condizente consigo mesmo. (PACKTER, 2001).

3 EXPERIÊNCIAS DE FILOSOFIA CLÍNICA NO ESPAÇO ESCOLAR

Encontramos entre os pilares estabelecidos para a educação pela UNESCO os quatro aprenderes que nortearão a educação no século XXI em todo o mundo: aprender a aprender – aprender a conviver – aprender a fazer – aprender a ser. Nos três primeiros estariam o alicerce para o quarto que seria a razão do viver do homem, ou seja, aprender a ser. Também para Antunes (2012) a educação deve propor como uma de suas finalidades essenciais o desenvolvimento do ser do indivíduo, espírito e corpo, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade.

Dessa forma, a escola, por excelência espaço da educação, tem por papel uma missão nobre que é a formação integral e emancipadora do homem. Assim, nos perguntamos: *Diante de uma sociedade com valores tão complexos, sobretudo pela inversão capitalista do Ser pelo Ter, que causa constantes crises existenciais no homem contemporâneo, como a filosofia pode contribuir para uma vida de ser condizente consigo mesmo?*

Em sua origem no mundo grego a Filosofia é ontologia, ou seja, a investigação do ser como universal e, portanto, coloca-se como busca teleológica desse ser. Também, entendido como ser de singularidade, a pessoa em sua própria existência busca significar a si mesmo a partir de suas escolhas. Nessa perspectiva, levantamos como possibilidade a reflexão da vida a partir da modalidade psicoterapêutica da Filosofia Clínica.

Diante disso, um dos nossos objetivos estabelecidos a priori no projeto pensando para nossa pesquisa era a formação de um grupo de filosofia clínica no espaço escolar, grupo esse que nomeamos por “Cócegas na Alma”, e que tomamos agora as experiências vividas para ilustrar os nossos relatos pela significativa importância que teve como uma possibilidade de provocação filosófica conforme pensada por Aiub:

Por isso consideramos nosso trabalho filosofia, porque ele consiste em compartilhar a vida e as questões da pessoa, pensar junto; questioná-la quando necessário; provocá-la a pensar; pôr em dúvida as suas verdades a fim de aproximá-la daquilo que para ela venha ser a opção por um caminho. Em outros casos, a pessoa já chega com o caminho definido, o que deseja é encontrar um meio para trilhá-lo, traz um montão de pedras e nosso papel é estudar junto com ela, as possibilidades de remover tais pedras, utilizá-las para construir um caminho de pedras, abandoná-las e seguir outro rumo, ou outras possibilidades que se apresentem em sua história e seu contexto. (2005, p.18)

Assim, como máxima da Filosofia Clínica, não nos pontuamos por receitas prontas, mas sempre tomando como atitude a problematização das imprevistas questões que surgiram dos relatos dos próprios partilhantes, que são desvelados pelos enraizamentos feitos junto aos participantes.

Desse modo, apresentamos a Filosofia Clínica como um instrumento de diligente no espaço escolar para o conhecimento de si em busca de uma formação humana que considere as possibilidades existenciais a partir da singularidade de cada ser humano, em nosso caso particular, dentro desse ambiente escolar.

3.1 Referencial teórico – metodológico

Tomaremos como referencial teórico clássicos da história da Filosofia que fundamentam a Filosofia Clínica, como: Arthur Schopenhauer – Friedrich Nietzsche - Edmund Husserl - Jean Paul Sartre, e outros. Nortearíamos também, sobretudo pelas obras do próprio pai da Filosofia Clínica, Lúcio Packter (2001) que tem na sua obra *Propedêutica* os fundamentos de sua metodologia filosófica, além de filósofos clínicos que refletem a Filosofia Clínica a partir do espaço escolar como é o caso da Mônica AIUB (2005).

A fim de conseguir os objetivos propostos, utilizaremos como método a pesquisa qualitativa. Minayo define dessa forma, o método qualitativo:

É o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. (MINAYO, 2008, p. 57).

Ter o ser humano como objeto de investigação é procurar entender a sua práxis, que deve ser vista como resultado das apropriações que os indivíduos fazem das relações sociais na construção de uma síntese dessas experiências:

[...] toda práxis humana é reveladora das apropriações que os indivíduos fazem dessas relações e das próprias estruturas sociais, “interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua atividade desestruturante- reestruturante” [...]. Assim, mediante um processo de interiorização e exteriorização é explicitado o caráter dinâmico da subjetividade no âmbito de seu pensamento, de modo semelhante ao que essa questão foi abordada pela filosofia sartriana. Atribuir esse caráter à subjetividade significa, além disso, admitir que a vida humana e mesmo cada um de seus atos se manifeste como a síntese de uma história social. (BUENO, 2002, p. 19).

A compreensão do mundo da vida dos entrevistados é a condição essencial da entrevista qualitativa. Toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação em que várias realidades são exploradas e desenvolvidas. Assim, tanto o entrevistado como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de conhecimento.

Com o intuito de obtermos as informações para nosso trabalho aplicamos uma entrevista com perguntas abertas para tomarmos suas respostas e analisamos as contribuições qualitativas do uso da Filosofia Clínica como instrumento de educação para a vida emocional e educacional dos alunos, ou seja, suas contribuições para a educação do pensamento.

3.2 Considerações éticas do estudo

Tomando o ser humano como objeto de pesquisa, consideramos a necessidade de fazermos os devidos cuidados éticos para resguardar o respeito para com aqueles indivíduos pesquisados. Dessa forma, a realização desta pesquisa obedeceu à resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012) atendendo às exigências éticas e científicas fundamentais, observando: os possíveis riscos e danos associados ou decorrentes da pesquisa; o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; a confidencialidade e a privacidade; a proteção da imagem; o respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos e a anuência dos participantes e seus responsáveis. No ato da entrevista os alunos foram identificados por pseudônimos escolhido por eles mesmos para que assim pudéssemos preservar a identidade.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Quanto aos sujeitos dessa pesquisa, trata-se de alunos do 2º ano do curso Técnico de Enfermagem (2015) da EEEP Capelão Frei Orlando, do município de Canindé, no estado do Ceará. Escolhemos a turma a qual teve a Filosofia Clínica como prática de acompanhamento do Diretor de Turma.

Aqui, vale detalhar algumas questões que norteiam o ambiente escolar: escola profissional e projeto diretor de turma. A educação profissional trata-se de uma modalidade de ensino previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96, em que o aluno é inserido em uma duplicidade curricular, pois além das

disciplinas da base curricular nocional, os mesmos ainda tem como demanda o currículo de um curso técnico que é pensando em vista da formação profissional. Destacamos aqui uma carga horária de quase 10 horas diária dentro do ambiente escolar e com uma responsabilidade de aproximadamente 20 disciplinas por semestre.

Quanto ao diretor de turma, trata-se de um professor escolhido como referência para cada turma, em que terá como papel, além da demanda do ensino das disciplinas para o qual é habilitado, é responsável por acompanhar a turma nas diferentes demandas no espaço escolar: rendimento quantitativo e qualitativo, condução de reunião de pais e mestres, formação para a cidadania e também a administração dos conflitos, seja de forma coletiva ou de forma individual dos alunos, que, sem dúvida, requer uma habilidade necessária para essa gerência.

Participaram também alunos convidados das outras 10 turmas que fizeram parte do grupo de estudo em Filosofia Clínica formado e que se reunia semanalmente com o objetivo, não somente de um estudo teórico, mas sobretudo de exercitar a prática psicoterapêutica da Filosofia Clínica, subsidiando a historicidade de cada partilhante como caminho de autorreflexão. O período de acompanhamento do trabalho deu-se durante todo o ano letivo de 2015.

Assim, justificamos a importância da trabalhar com Filosofia Clínica em nosso espaço por se tratar de um ambiente de confinamento que é a modalidade de educação integral como ambiente propício para desencadear tensões psicológicas, seja pela fase de descoberta da etapa da juventude ou pelas próprias cobranças que o ambiente escolar demanda e onde muitas vezes o adolescente não tem as devidas estruturas mentais para administrar essas tensões chegando a influenciar negativamente no rendimento escolar dos mesmos e, sobretudo no equilíbrio psicológico.

Outro entrevistado foi o fundador da Filosofia Clínica Lúcio Packter, com quem usamos a modalidade de entrevista semiestruturada na tentativa de captar suas apreciações sobre o uso desse instrumento no espaço escolar.

3.4 Interpretação do material empírico

Como forma de organizar os dados coletados visando uma interpretação posterior, procedemos a uma análise temática das entrevistas, procurando descobrir os núcleos de sentido e de comunicação que compunham os discursos. Minayo (2008) define

tema como uma unidade de significação que se liberta naturalmente da fala dos entrevistados e que comporta um conjunto comum de relações e significados sintetizados em uma palavra ou uma frase. O tema, assim, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que surge com a leitura sistemática das transcrições das entrevistas e dos textos.

Assim, os temas surgidos nos alunos do 2º ano Técnico de Enfermagem foram: autoconhecimento, compreensão emocional, enfrentamento dos medos e angústias, melhora no rendimento, promoção da humanização, partilha de vivências, melhor socialização, autocontrole, aprender a conviver com a diferença, supressão dos julgamentos.

No grupo Cócegas na alma os temas foram: conhecimento do outro e aproximação, contato e convivência com a diferença na constituição do meu ser, aumento da criticidade, valorização da historicidade, supressão dos julgamentos, conhecimento de si, enfrentamento de angústias, partilha de vivências, estabelecimento de vínculo de confiança, empatia.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dividimos a apresentação dos resultados a partir do material surgido na turma do 2º ano do Enfermagem e em seguida o material do grupo de estudo. Em ambos, escolhemos alguns textos das entrevistas que expressam bem o que foi vivido, os temas supracitados e como esse trabalho teve importância significativa na vida dessas pessoas.

2º Enfermagem:

Muitas vezes tudo o que precisamos é de alguém para nos ouvir, passamos a *conhecer mais ainda nós* mesmos quando criamos coragem e confiança para falar de *nossa história*. Esse projeto ajuda de forma significativa para o conhecimento de si mesmo, consequentemente tendo um bom convívio social, de certa forma. Me ajudou bastante a me entender e entender que os outros são diferentes, e que você precisa ser quem se é de verdade, a aceitação de si mesmo, e o entendimento que o outro é diferente e temos que lidar com isso é um passo importante para se entender e conviver bem com os obstáculos do dia-a-dia. (Águia 007, grifo nosso).

Já no primeiro texto destacamos aquilo que se expressou naturalmente nas falas da entrevistada Águia 007, na expressão em destaque encontramos o conceito fundamental para a Filosofia Clínica que é a historicidade, que, como podemos notar foi valioso dentro do grupo e para aquilo que a mesma nomeou como progresso pessoal.

Bem, de certo modo eu *me achava meio anormal* por sentir sensações e desejos incomuns ao que os meus demais colegas sentiam, e por isso eu me achava estranho, ainda mais porque os outros me cobravam muito algo que eu não estava preparado para assumir, nem para mim e nem para ninguém. Mas com as conversas com o professor Cid eu acabei por me perceber e me aceitar, como diferente e não anormal. o que foi um marco na minha historicidade de vida, o que me fará futuramente superar barreiras. (Dona Santa, grifo nosso).

A aluna traz em questão o tópico 2: o que acha de si mesmo. Até então, ela parecia ser anormal, porém, o que foi importante na relação com os outros no grupo é que por não apresentarmos os sentimentos ou ouvirmos os dos outros, muitas vezes nos achamos anormais por pensamos que ninguém tem semelhança com os nossos sentimentos, porém, quando feita a experiência da partilha a mesma pode perceber que em cada singularidade há relações de interseções entre as EPs, ainda que não seja de forma homogênea, mas em suas particularidades que se constroem a diferença.

Sim, logo quando cheguei na profissional, nas primeiras provas minhas notas não estavam legais e chegava em casa triste chorando e a minha mãe vendo isso ela ficava com raiva e falava palavras que me *chatiava*, mas eu sabia que era momento de raiva, mas mesmo assim eu ficava triste e o Cid percebeu e chamou para conversar e falei e desabafei. Após isso, na reunião dos pais, ele sabendo da minha história e sabe o porquê da personalidade da pessoa, e conversou com minha mãe e após isso ela olhava para mim começava a chorar

e depois melhorou muito, começou a incentivar, me colocou no reforço escolar, melhorei meu rendimento que ela se admirou. (Xuxa).

Com a aluna Xuxa e sua relação com a mãe e com os estudos podemos perceber uma questão de conflito que nos aponta para o tópico 5, ou seja, pré-juízos, pois diante da exigência que havia no ambiente escolar para que o aluno sempre alcance boas notas, a mãe ficava sabendo dos baixos rendimentos e em casa fazia as cobranças para um rendimento melhor, porém, dizia para a filha que ela não tinha capacidade, isto é, no mesmo momento que era cobrada recebia um julgamento que lhe deixava em um pré-juízo pela contradição do contexto estabelecido.

No grupo Cócegas na Alma:

Como uma forma de me conhecer melhor e que ajudou na questão de tocar em determinados assuntos que antes eram dolorosos. Também foi bom poder ver que não sou a única pessoa que tem problemas... Fiz amigos e tive a oportunidade de trocar conhecimentos e vivências com os mesmos. Nas reuniões, eu sentia um alívio que era de difícil explicação. Não sei se era por conta das pessoas, das risadas, dos desabafos ou do aprendizado, mas me *proporcionava uma calma muito grande e as aulas que tinham depois dos encontros pareciam ser mais prazerosas*. Gostei muito da experiência e pretendo continuá-la. (Monomaníaca, grifo nosso).

A partir da experiência, o sentimento expresso relatado era de prazer, o que nos remete ao tópico 4, ou seja, emoção. Os dados de outros partilhantes tinham interseções e ajudavam para a melhor compreensão de si mesmo de uma forma que encontrava bem-estar.

Minha vida sempre foi uma *espécie de campo de batalha* para com ela mesma. Minha difícil infância sempre me levou a dificuldades que, *para* a maioria das pessoas nem existem ou simplesmente nem são notadas. Não sei se as pessoas se assemelham a mim ou não, mas de fato, nunca consegui manter algumas das mais desejadas amizades por muito tempo, tinha dificuldades em aceitar e perdoar os erros das pessoas mais queridas, não sabia dar tempo e espaço às necessidades das pessoas ou até mesmo saber se eu deveria ser e demonstrar quem verdadeiramente sou. Depois de alguns estudos e partilhas no grupo, algumas coisas mudaram e me fizeram evoluir na minha *interrelação* com as pessoas, principalmente depois da frase: “O passado de ontem é tão imutável quanto o de milhões de anos atrás, sendo assim, não se preocupe com o passado e apenas se responsabilize com o futuro.” (Jão, grifo nosso).

Aqui, buscamos compreender essa pessoa inicialmente a partir do tópico 1, como o mundo parece, pois, como citado, sua vida sempre foi uma espécie de batalha, e a partir dessa sua experiência de vida achava-se que as suas dificuldades não representavam dificuldades para outras pessoas.

A partir da análise dos núcleos de sentido que encontramos em nosso trabalho, podemos perceber que há um valor qualitativo na fala de cada entrevistado, não somente nos aqui expostos, mas também nos demais que foram analisados.

Desse modo, podemos dizer que a prática de Filosofia Clínica no espaço escolar contemplou os objetivos esperados de uma diligência no conhecimento de si mesmo. Questão presente na fala de Lúcio Packter na entrevista concedida aos membros do grupo de pesquisa por ocasião da visita do professor à Faculdade Católica de Fortaleza em 2015, que traduz a melhora de uma pessoa não pelos resultados quantitativos de suas notas escolares, mas melhorar a forma de vida, o seu colocar existencial no mundo, na relação consigo mesmo e com o outro, melhora que passa pela busca de uma educação condizente com a formação do ser humanos a partir da educação do seu pensamento.

5 CONCLUSÃO

Tendo por principal objetivo a apresentação da Filosofia Clínica como um instrumento de orientação para formação da pessoa humana a partir do espaço escolar, percebemos que os resultados de nosso trabalho supriram as expectativas iniciais que eram de encontrar uma aproximação entre Educação e Filosofia Clínica e nessa relação um significativo processo de ajuda que esta representou ao público assistido, ao modo que pensa Aiub:

Nesse sentido, a aproximação entre Educação e Filosofia Clínica poderia apresentar mais um recurso para auxiliar esse processo de elaboração, caracterizando a educação como uma atividade profilática, no sentido de elaborar as ações com conhecimento e reflexão suficientes para evitar alguns problemas futuros, e terapêutica, por utilizar-se desses instrumentos de conhecimento para “cuidar” dos problemas já existentes. (2005, p.125).

Percebemos ainda que o processo iniciado com a Filosofia Clínica no espaço escolar vai além das relações vividas nesse ambiente, mas que vislumbra uma base para um processo contínuo de educação do pensamento, não somente nesse período de estudo, mas, sobretudo um instrumento a servir sempre como suporte para auxiliar no seu percurso de vida nas mais diferentes situações de inquietações.

Concluimos o nosso trabalho retomando a ideia de Filosofia Clínica profilática de Filósofa clínica Mônica Aiub (2005), ou seja, a aproximação da Filosofia e a Educação significa a construção de reflexões para evitar problemas futuros, sobretudo os que estão relacionados às questões existenciais. Lembramos Wallon que relaciona a afetividade, o emocional e o cognitivo. (MAHONEV, ALMEIDA, 2012).

Assim, identificada a necessidade que há de um olhar para as diferentes singularidades existenciais que são os alunos no espaço escolar, destacamos o papel fundamental que o Projeto Diretor de Turma representa nesse trabalho, que, para isso, faz-se necessário uma formação que contemple esse olhar humanizado para o outro, no nosso caso, o aluno.

Portanto, nosso trabalho tratou de um relato das experiências vividas dentro do espaço escolar a partir da tentativa de resgate também dessa perspectiva terapêutica da Filosofia, que, como podemos perceber nessa trajetória, auxiliou na formação humana dos alunos a partir do exercício do autoconhecimento como ser existencial em busca de uma realização que, sem dúvida, parte do equilíbrio psicológico, pois: “Assim como a

doença e a dor física são *desordem* do corpo, a saúde da alma é ordem da alma --- e essa *ordem* espiritual ou harmonia interior é a felicidade”. (REALE, 1990, p. 92, grifo do autor). Assim percebemos que a Filosofia Clínica é um importante instrumento que nos deu e nos dá pistas para essa harmonia consigo mesmo.

6 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso, **A prática dos quatro pilares da Educação na Sala de Aula**. Editora Vozes, 2ª ed., 2012.

AIUB, Mônica. **Filosofia Clínica e Educação: A atuação do Filósofo no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: WAK, 2005.

_____. **Como ler a filosofia clínica: prática da autonomia do pensamento**. São Paulo: PAULUS, 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 de 1996**. São Paulo: Editora do Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Normas para pesquisas envolvendo seres humanos** (Res. CNAS nº. 466/2012). Série Cadernos Técnicos. Brasília, DF, 2012.

BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

MAHONEV, Abigail alvarenga; ALMEIDA, Laurinha Ramalho (Org.). **Henri Wallon Psicologia e educação**. -- 11. Ed. – São Paulo. Edições Loyola, 2012.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia clínica: propedêutica**. Florianópolis: Garapuvu, 2001.

REALE, Giovanni. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média** / Giovanni Reale, Dario Antiseri; - São Paulo: Paulus, 1990.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a sabedoria de vida** / Arthur Schopenhauer: tradução, prefácio e notas Jair Barboza : revisão da tradução Karina Jannini. – 3ª. Ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes. 2009.